

Técnica para o Ajustamento Parafisiológico da Sintonia Visual na Clarividência

Technique for the Paraphysiological Adjustment of the Visual Tuning during Clairvoyance

Técnica para el Ajuste Parafisiológico de la Sintonía Visual en la Clarividencia

Ulisses Schlosser*

* Psicólogo. Voluntário do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC).

ulisses.schlosser@gmail.com

Texto recebido para publicação em 17.09.07.

Resumo:

O presente artigo discute a possibilidade de melhoria do controle parafisiológico sobre a sintonia de imagens nos experimentos com clarividência. O estudo da clarividência foi fundamentado na existência do fenômeno do parapercepto, diferenciando-se de efeitos imaginativos e sensorialidade intrafísica. Também se desenvolve complementação metodológica entre um relato pessoal com descrição do respectivo experimento e a apresentação da técnica para ajuste da sintonia paravisual. A técnica foi testada em experimentos de imobilidade física vígil – IFV. Os resultados permitem melhor domínio e compreensão dos fenômenos paravisuais pelo manejo de exteriorizações e instalação de campo energético, descoincidência paracefálicas e a perspectiva de sintonia de imagens de clarividência viajora.

Abstract:

This article discusses the possibility of improving the paraphysiological control of image tuning during clairvoyance experiments. The study of clairvoyance is based on the existence of the phenomenon of the parapercept, differentiating it from both imaginary effects and intraphysical sensoriality. In addition, this work develops a methodological complementation between a personal account describing the respective experiment and the presentation of the technique for the adjustment of the paravisual tuning. The technique was tested in experiments of waking physical immobility – IFV. The results allow a better control and comprehension of the paravisual phenomenon by maneuvering the exteriorizations and the installation of energetic field, paracephalic discoincidences and the perspective of tuning images of travelling clairvoyance.

Resumen:

El presente artículo discute la posibilidad de mejoría del control parafisiológico sobre la sintonía de imágenes en los experimentos con clarividencia. El estudio de la clarividencia fue fundamentado en la existencia del fenómeno del parapercepto, diferenciándose de efectos imaginativos y de sensorialidad intrafísica. También se desenvuelve la complementación metodológica entre un relato personal con la descripción del respectivo experimento y la presentación de la técnica para el ajuste de la sintonía paravisual. La técnica fue testada en experimentos de inmovilidad física vígil – IFV. Los resultados permiten mejor dominio y comprensión de los fenómenos paravisuales a través del manejo de exteriorizaciones y la instalación de campo energético, descoincidência paracefálicas y la perspectiva de sintonía de imágenes de clarividencia viajera.

Palavras-chave

Clarividência
Energia consciencial
Fenomenologia
Imagética
Sintonia
Visão

Keywords

Clairvoyance
Conscidental energy
Imagetic tuning
Phenomenology
Vision

Palabras-clave

Clarividencia
Energía consciencial
Fenomenología
Imagética
Sintonía
Visión

INTRODUÇÃO

O interesse na presente pesquisa teve origem na necessidade de compreender o funcionamento de experiências visuais, principalmente nas fases em torno da experiência lúcida de sair do corpo físico (a pré-decolagem) e após a interiorização no corpo, retornando de projeções assistidas. Algumas cenas de clarividência pareciam ser propiciadas pelos amparadores extrafísicos, mas logo surgia a dificuldade, por limitação pessoal, em manter ou aprofundar a investigação das imagens.

A opção desenvolvida foi a de procurar melhorar o desempenho pessoal, justamente para propiciar melhores interações parapsíquicas com os amparadores e outras consciências extrafísicas. O objetivo passou a ser o de buscar situação semelhante à pré-decolagem, antes da saída do corpo físico na projeção, e ao estado da descoincidência pós-projetiva, quando o parapsiquismo conserva fortes características da experiência extrafísica. Saindo do contexto da decolagem e da interiorização lúcida, os exercícios específicos de clarividência passaram a ser feitos nos experimentos de imobilidade física vígil.

Propõe-se conhecer os recursos do holossoma ligados ao desempenho da clarividência e colaborar para melhorar a comunicação interdimensional. Basta imaginar infinitas tentativas de amparadores e outras consciências para contato e o esforço no intuito de propiciar experiências parapsíquicas à pessoa sem noção sobre os procedimentos técnicos para corresponder a tal esforço.

Por outro lado, se a conscin emprega o parapsiquismo com intuito assistencial, com iniciativa para investir no autodesenvolvimento técnico, poderá contar com a base pessoal de experiência para harmonizar a cooperação com os amparadores extrafísicos, evitando assim tornar-se excessivamente dependente.

Objetivo e Metodologia

O presente artigo visa contribuir com a discussão sobre técnicas para melhorar o controle no desempenho do fenômeno da clarividência no aspecto da sintonia, da clareza ou mesmo da escolha das imagens a serem vistas. Apresenta uma técnica baseada no controle das exteriorizações de energias, instalação de campo energético e descoincidência na região do frontochakra, por meio de projeções energéticas específicas.

A caracterização da metodologia experimental está detalhada através de relato de experimento pessoal deste autor, sucedido da descrição detalhada do respectivo experimento e dos procedimentos utilizados. A técnica foi testada, de modo repetitivo, em experimentos laboratoriais de imobilidade física vígil (IFV) ao longo dos últimos 3 anos e até o momento em 2007. O recurso metodológico básico foi o *feedback*, pois após experimentar as manobras de ajustamento energético do campo paravisual, observaram-se os efeitos resultantes na sintonização da cena desejada e na nitidez da imagem.

A finalidade de apresentar o relato de um único experimento foi buscar o detalhamento dos fenômenos. Tal metodologia de descrição fenomenológica está sob estudo para verificar o atendimento satisfatório à interlocução científica. Os procedimentos e manejos descritos precisam ser testados em diversidade maior de técnicas para a clarividência.

O tratamento oferecido aos dados não foi de ordem quantitativa, mas sim fundamentado na categoria paraepistêmica da autolucidez para a construção do conhecimento conscienciológico. Ou seja, admite-se a possibilidade de um único experimento autolúcido poder indicar a perspectiva da realidade multidimensional a ser confirmada no prosseguimento da auto-evolução.

Fundamentação

A hipótese para fundamentar a técnica proposta trata do controle do ajuste fino sobre a mobilização de energias conscienciais para gerar exteriorização e descoincidência (VIEIRA, 1999, p. 584-594). Os principais procedimentos técnicos a serem aplicados no uso das energias conscienciais, dentre outros possíveis, são os acoplamentos e desacoplamentos áuricos, as compensações energéticas, a discriminação, a dispersão, a exteriorização, a homogeneização e a velocidade do fluxo energético (VIEIRA, 1994, p. 327, 352). O autopesquisador pode verificar a existência da energia consciencial e desenvolver a sensibilidade e o controle para executar procedimentos técnicos. Manobrar tecnicamente a energia consciencial, com hiperacuidade e precisão, parece ser pré-requisito para o desenvolvimento voluntário da clarividência.

1. CLARIVIDÊNCIA E PARAPERCEÇÃO VISUAL

A clarividência é a faculdade de ver além da visão dos olhos físicos por meio da configuração do parapercepto visual, ou seja, da imagem mental resultante da percepção extra-sensorial visual. O clarividente obtém informação sobre eventos psíquicos e objetos, a exemplo de entes materiais, energias, morfopenses, conscins e consciexes, situados perto ou longe, no espaço intrafísico ou em dimensões extrafísicas, com as imagens visualizadas internamente ou no ambiente externo – *clarividência ambiental*. No senso comum, a clarividência é considerada a faculdade de tomar conhecimento do mundo exterior sem o emprego dos sentidos (HOUAISS, 2001, p. 736). Na abordagem técnica, o fenômeno da clarividência abarca a parapercepção específica de imagens visuais. O termo clarividência pode ter a interpretação extrapolada para *visão lúcida*, associando-se o prefixo *clari-* à idéia de lucidez, clareza.

Pesquisadores do parapsiquismo (CARVALHO, 1997; LEADBEATER, 1990; TARG & PUTHOFF, 1975, p. 1-3; VIEIRA, 1994, p. 211, 353; VIEIRA, 1999, p. 133, 166-174) registram tipos ou especificações clássicas do fenômeno da clarividência, destacando-se as 7 a seguir:

- a. Visão da dimener. Corresponde à visão da dimensão energética relativa às energias intermediárias entre a dimensão intrafísica e as dimensões extrafísicas.
- b. Clarividência facial. Constitui-se basicamente por imagens visualizadas na face de outra pessoa resultantes de interações e acoplamentos energéticos.
- c. Clarividência viajora. É caracterizada pela visão de eventos intra ou extrafísicos ocorridos a distância do corpo humano.
- d. Visão remota. Constitui modalidade de clarividência viajora obtida a partir de coordenadas geográficas prévias para se alcançar o alvo visual.
- e. Clarividência extrafísica na vigília física ordinária (a partir da dimensão intrafísica). Corresponde à visão de cenas ou consciências extrafísicas observadas a partir da vigília física ordinária.
- f. Clarividência extrafísica projetiva. Corresponde às possibilidades de clarividência da consciência projetada fora do corpo humano.
- g. Clarividência telestésica. Trata-se do fenômeno da clarividência enriquecido com outras características sensitivas, a exemplo de telepatia, cinestesia e assimilações simpáticas de energias e sentimentos.

Quando a informação visual é enriquecida com idéias, sentimentos, sensações de presença ou conhecimento ampliado, a clarividência deriva para a telepatia, a telestesia e outros (CARVALHO, 1997).

Há variantes de manifestações na infância, além da ocorrência espontânea, com frequência variável, e em outras fases e momentos da vida.

Historicamente, é comum a negação da clarividência ou o preconceito em considerá-la apenas à conta de distúrbio patológico. É freqüente a ocorrência de possíveis efeitos de clarividência e alucinações associadas a quadros psicóticos e até mesmo em pessoas consideradas neuropsiquiatricamente normais, a exemplo da síndrome de Charles Bonnet (FFYTCHE, 1998), provavelmente em resultado de descoincidência patológica nos veículos componentes do holossoma. Por outro lado, a mesma descoincidência pode ser manejada tecnicamente por decisão lúcida e possibilitar o fenômeno treinável e acessível por qualquer pessoa praticante de exercícios persistentes.

Juntamente com a telepatia, a clarividência talvez seja um dos parafenômenos de maior interesse no mundo. Apenas no *site* de busca *Google*, para o termo *clairvoyance*, em inglês, são mostradas 3.900.000 referências em setembro de 2007. Em português são 540.000 referências. Apesar do grande número de publicações sobre o assunto, há muito poucas abordagens científicas e técnicas satisfatórias, com descrições detalhadas e metodologias para o desenvolvimento e a educação de tal habilidade. Na reeducação pessoal da conscin, a clarividência é dos mais importantes fenômenos para as confirmações das experiências interdimensionais, parapsíquicas. Quando aliada a outras percepções, de modo criterioso, pode propiciar consistente recurso para o desenvolvimento da autolucidez e da autoconfiança parapsíquica.

Fenômeno da Parapercepção

O fenômeno da parapercepção apresenta dois aspectos relevantes: a ocorrência de percepção e a característica extrafísica em alguma etapa do processamento. A parapercepção pressupõe os mesmos três elementos constituintes da percepção intrafísica: consciência perceptora, objeto e percepto (SCHIFFMAN, 1996). O diferencial é a configuração do *parapercepto* com elementos fora da restrição do cérebro físico. A parapercepção, quando mais freqüente, técnica e sadia, configura-se na ótima relação entre a produção mental do indivíduo e o parapercepto. Trata-se da representação técnica da relação entre ego e mundo percebido. O ajuste da redução da carga de preconceitos e apriorismos no ego integrado à higiene e soltura holossomática para a multidimensionalidade conferem qualidade às parapercepções da consciência.

A qualificação das parapercepções visuais significa aproximação com a realidade extrafísica, podendo ter aparência agradável ou desagradável. Além do esforço paraperceptivo técnico, o autopesquisador necessita também se preparar para a possibilidade de se deparar com o inusitado, o chocante, o inesperado e, mesmo assim, evitar imaginações geradoras de distúrbios no momento da visualização. Treinamento e abertura para a diversidade extrafísica são boas indicações até se construir e manter a confiança na experiência real com o parapercepto. A tarefa é discernir sobre a própria higidez mental para avaliar e contextualizar as significações do parapercepto. Técnicas de manejo da sintonia paravisual tendem a diminuir a impotência diante da efemeridade do parapercepto e criam a possibilidade da reverificação da imagem em alguns casos.

Diferenciação entre Parapercepção e Imaginação

A imagem surgida na mente pode ser resultado de parapercepção sobre a realidade ou, diferentemente, pode ser criada pelo próprio mentalsoma. Para a pessoa produzir imagens mentais, simplesmente basta querer imaginar algo, e até mesmo espontânea ou involuntariamente a produção de imagens pode ocorrer. Em princípio, a distinção entre a imagem percebida e a imagem produzida pode parecer simples. Mas na prática a sutileza de ambos os processos pode alcançar limites de difícil distinção. Também ocorre o fenômeno da imagem composta pela percepção e pela imaginação ao mesmo tempo. O ponto central é a oposi-

ção entre a passividade necessária e natural para a ocorrência da parapercepção e a atividade na imaginação. Percepção é receptiva. Imaginação é ativa. Percepção e ação são, então, duas atitudes básicas e opostas na consciência. Na antiga filosofia chinesa representavam *yin* e *yang*.

A solução do dilema técnico sobre a atitude anímica de intervir na própria parapercepção está ligada ao autoconhecimento na *produção imagística e pensênica*, discernindo e eliminando interferências na *configuração do percepto*. No exercício bem sucedido da parapercepção, é necessário *apassar a imaginação e ativar a percepção*. Simplesmente, muitas pessoas têm dificuldade em desenvolver parapercepção por não conhecer ou não discernir e controlar tecnicamente a interferência dos próprios conteúdos conscienciais (imagens mentais autoproduzidas) sobre o conteúdo percebido de outra consciência (percepto). Manejar a parapercepção significa controlar as variáveis do parapercepto e não estimular a produção de outros elementos da imagística ou da pensividade; *está assim definido o foco técnico do presente estudo*.

O conhecimento teórico dos referidos elementos qualifica o discernimento sobre as autoperccepções e clareia as necessidades de manejo técnico das imagens paravisuais, diminuindo ilusões e equívocos. Trata-se de interessante relação entre teoria e prática. Aqui a teoria também fundamenta e esclarece a importância da atitude passiva ou receptiva no exercício da parapercepção, gerando conscientização sobre a evitação de elementos da imagística, a imagem autoproduzida, e deixando clara a possibilidade de como, quando e sobre o *que* exercer ações de manejo técnico do parapercepto.

Diferenciação entre Parapercepção e Percepção Sensorial Intrafísica

Reverificar a configuração de paraperceptos pode ser considerado um procedimento básico na metodologia do experimentador para garantir organização e buscar coerência nos achados. O objetivo da reverificação é evitar a construção de suposições sobre a parapercepção equivocada. A diferenciação básica é feita constatando-se as principais diferenças entre características sensoriais do campo visual intrafísico e do paravisual extrafísico, comparando-se os respectivos elementos. É recomendada a repetição de procedimentos específicos, a exemplo das técnicas a serem estudadas a seguir. Para obter dados e confiança na diferenciação entre elementos visuais e paravisuais, basta repetir várias vezes e sucessivamente, em ambiente laboratorial, o experimento de entrar e sair do campo paravisual pelo exercício de relaxamento e descoincidência.

É comum ao experimentador iniciante não obter sucesso na tentativa de ver algo diferente do universo sensorial intrafísico ao querer vivenciar o fenômeno da clarividência. O bom indicador em tal situação é a sinceridade e a saúde mental na atitude coerente para dizer não estar vendo nada diferente. O problema é saber por onde começar e corrigir erros e faltas. São indicadas duas providências básicas: organizar condições para o protocolo dos primeiros experimentos e desenvolver minimamente a descoincidência energética, principalmente na região da cabeça. O detalhamento dos procedimentos experimentais será apresentado nas seções de descrição do experimento e de técnica para desenvolver a parapercepção visual. No parágrafo a seguir será descrito pequeno exemplo ilustrativo de experimento verificador.

Indica-se ambiente confiável e silencioso, com luminosidade controlada para gerar penumbra homogênea necessária aos fenômenos energéticos e ectoplásmicos a serem visualizados. Deve propiciar confortável imobilidade física para a pessoa sentada. É indicado ao experimentador já possuir controle sobre a mobilização de energias e produzir mínimas descoincidência nos veículos de manifestação. O resultado pode ser facilitado com a participação de outra pessoa confiável, com afinidade energética e de convívio,

sentada frente a frente, para servir de alvo visual. O procedimento mínimo consiste em aprofundar o relaxamento físico e energético, fixando a visão sobre a face da outra pessoa. A tarefa é verificar as variações das *imagens no ambiente* a cada tentativa de aprofundamento, durando de três a cinco minutos, repetidas vezes. A imagem intrafísica tende a ser estável mesmo sob exteriorização de energias. Já na imagem paravisual é comum ocorrerem alterações de cor, brilho e forma e surgirem ou desaparecerem objetos de natureza extrafísica em resultado das interferências energéticas do perceptor. Os objetos de natureza extrafísica podem ser as energias integrantes dos campos paravisuais, os componentes visíveis dos holossomas de conscins e consciexes (aura, chacras, energossoma e psicossoma) e os morfopensees extrafísicos semelhantes ou diferentes em relação aos existentes no ambiente intrafísico correspondente. Em seguida examinam-se quais dos aspectos citados acima puderam ser observados, verificando-se, quais não pertencem à visão sensorial comum.

A objetividade técnica para manejar a percepção, no experimento da clarividência, oferece recursos para reverificar a imagem vista e diferenciar os fenômenos. Nem sempre a reverificação é possível, pois a cena pode ser fugaz. Mas é possível treinar, criar experimentos controlados e instalar autoconfiança no manejo de metodologias básicas para propiciar otimização na configuração do percepto imagético. Com o uso de metodologia, de critério autocrítico e com o acúmulo de experiências, o observador poderá verificar o aumento das *diferenciações para classificar os fenômenos imagéticos*. Por exemplo: a *paraimagem ambiental* de objeto ou consciência contígua, distante ou de outra dimensão; a imagem mental interna; os gradientes e os matizes de energia; a interferência da imaginação; a ilusão; a alucinação e outras.

2. RELATO PESSOAL: PERCEPÇÃO DA BÓIA EXTRAFÍSICA

Contextualização: o fenômeno ocorreu, pela primeira vez, em sessão experimental no Laboratório de Imobilidade Física Vígil (IFV) do CEAEC (Centro de Altos Estudos da Conscienciologia) e consiste na produção de efeito paravisual de *imagem ambiental* marcante e útil. Após a descoberta casual do efeito, foi possível repeti-lo na sucessão de outros experimentos de IFV realizados no CEAEC, também na residência pessoal e, ao longo do ano de 2006, durante experimentos de clarividência facial na atividade de Dinâmica Parapsíquica, realizada semanalmente no CEAEC para o desenvolvimento da interassistência grupal e das autopesquisas. Até o momento, só foi possível reproduzir o efeito, com precisão satisfatória, em condição laboratorial. Efeitos parciais têm ocorrido também no ambiente profissional, durante certos atendimentos críticos e em outros contatos interpessoais com forte interação assistencial. Provavelmente as limitações pessoais ainda não permitiram a reprodução completa do efeito no cotidiano. Permaneço com a meta, mas talvez outros pesquisadores possam consegui-la com mais facilidade, ou já tenham conseguido, não havendo notícia até o momento. Apesar de nem sempre ocorrer, quando o efeito da *bóia* se configura, a *imagem ambiental* é estável e dura enquanto o padrão energético do campo é sustentado.

Protocolo experimental: a primeira experiência ocorreu entre 09h e 12h30 do dia 06.02.2003, no laboratório de IFV do CEAEC, especialmente organizado, com poltrona adequada, uma grande cortina branca com suaves ondulações situada, aproximadamente 2 metros, à frente e a luminosidade diminuída pelas cortinas nas janelas, mantendo a penumbra não muito escura. O dia estava quente e suei durante o último terço do experimento, pois o aparelho de ar condicionado não compensava o calor externo de mais de 40° C. A duração efetiva da imobilidade foi de exatas 3 horas, com lucidez contínua, pois havia me preparado bem, estando em jejum e com o sono bem satisfeito nas noites anteriores. O objetivo era genéri-

co, buscando o aprofundamento das vivências conscienciais e o desenvolvimento da experiência parapsíquica. Sentia-me aberto e tranquilo, procurando observar as ocorrências do momento. Tratava-se do segundo experimento de IFV, da série de seis desenvolvidos naquele período.

Descrição: iniciei relaxando imediatamente o holossoma por inteiro, com afrouxamento geral das energias do energossoma e relaxamento mental sem pensamentos. Próximo aos 2 minutos do experimento, comecei a sentir o fluxo de exteriorização energética espontânea pelos braços relaxados sobre o apoio da poltrona. Com olhos abertos, logo se configurou a visualização da dimener, surgindo os contornos energéticos dos objetos (parte dos pés, pernas e o apoio da poltrona) e o ambiente preenchido pelo fluido de energia. Poucos instantes depois, a impressão de reconhecimento e afinidade predominou sobre o campo em torno de mim. Não sei precisar depois de quanto tempo, mas ainda dentro da primeira hora, configurou-se gradualmente, mas em poucos segundos, a imagem circular de cor lilás, de impressionante nitidez, brilhante, lembrando a cor de ametista, com 8 a 10 cm de diâmetro, fixa no ar, talvez a 1,5 m dos meus olhos, antes da cortina branca. O pequeno disco brilhante ficou ali suspenso por alguns segundos.

Procurei manter o equilíbrio para sustentar a experiência e valorizei de imediato a concretude da imagem ali diante de mim. Nos momentos iniciais, fiquei curioso e pensando se aquilo poderia ser parte de alguma consciex, ou algum aparelho extrafísico, mas a imagem se mantinha e nada mais aparecia. Depois do experimento, pensei na possibilidade da imagem ter sido sustentada inicialmente por consciex amparadora.

O disco não era totalmente liso, possuía a superfície irregular, mas não pude definir detalhes. Só depois de alguns instantes me dei conta da estabilidade inicial da imagem, porque ela passou a perder brilho, esmaecer e oscilar, chegando a desaparecer e reaparecer. A imagem passou a ficar instável, e pude verificar o efeito da influência dos ajustes energéticos controlados por mim sobre a estabilidade visual.

Logo descobri a relação da visualização do disco lilás com o meu grau de descoincidência e também com o grau de liberação das energias do energossoma. A relação entre a exteriorização de energias, havendo participação de ectoplasma e a configuração de *imagens ambientais*, propiciando clarividência, já foi sugerida em estudos desde o início do século XX, a exemplo das pesquisas de Gustave Geley (1924).

Em nenhum momento a nitidez e o brilho da imagem voltaram a ser igual ao início. Aumentei o grau de descoincidência e a interação com a imagem, concentrando-me, buscando recuperar nitidez e descobrir outro sinal extrafísico. Na seqüência, o fenômeno mudou de configuração, a distância até o disco deixou de existir e surgiu o efeito de movimento e ondulação suave na visualização das energias. A cor lilás diluiu-se e variava de modo irregular. O disco desconfigurou-se. A nova estrutura tinha forma de túnel em movimento rápido. Eu tinha convicção de não estar saindo do corpo, a lucidez se mantinha aguçada. A sustentação duradoura do efeito foi possível em função da manutenção de ajustes energéticos sobre o campo. Explorei o novo fenômeno. Não houve progressão. O efeito se mantinha. Talvez ocorresse mudança se eu saísse do corpo, pois o túnel lembrava o efeito da transição interdimensional já verificado em projeções, agora visto em detalhes na clarividência. Também fez lembrar a visão de túnel de acordo com relatos e estudos da experiência da quase-morte (BLACKMORE, 1999; HAINES, 1993). A estabilidade do manejo paravisual foi relevante.

Refleti sobre a função da manutenção das imagens lembrando do meu estado intrafísico. Seria útil e possível usar os mesmos recursos para desenvolver clarividência no dia-a-dia? Estavam sendo mostradas a mim possibilidades de clarividência nada habitual a partir da condição intrafísica. A relação de *feedback* entre a imagem e o manejo dos ajustes, promovidos por mim, sobre o grau de descoincidência e sobre a densidade precisa nas exteriorizações contínuas para manter a sintonia visual com o campo me pareceram de grande relevância técnica. Até aquele momento, foi possível deduzir a função de sinalização das imagens

para promover os ajustes de sintonia visual. Resolvi cessar a experiência do túnel e tentar repetir do começo para testar a visão do disco. Funcionou e, para minha surpresa, sem grande dificuldade. O disco estava diante de mim novamente e procurei reverificar o método de ajustamento da sintonia, pensando na possibilidade de ter contato visual direto com consciex amparadora presente no ambiente.

Os efeitos visuais da dimener se estabilizaram e o disco parecia ter função de *bóia extrafísica* para sinalizar e auxiliar a manter o ajuste da sintonia paravisual. Aumentando ou diminuindo a descoincidência ou as exteriorizações, a bóia desaparecia. A manutenção da imagem dependia da faixa de controle sobre o campo. Simultaneamente à imagem do disco, outros sinais de imagens apareceram projetados no ar, bem diante de mim. Eram três ou quatro e estavam ao redor do disco, no raio aproximado de 50 cm em relação a ele. Algumas imagens não definiam a configuração e eu não tinha como manter a atenção simultânea. Uma das imagens era da casa de telhado verde situada na área do atual *Discernimentum*, na Avenida Felipe Wandscheer – ela sempre me chama a atenção no caminho de volta do CEAEC para casa. Outra imagem era do refeitório do CEAEC, e a cena parecia estar ocorrendo naquele instante. A terceira imagem parecia ser de parte não identificada do centro de Foz do Iguaçu. Havia outras imagens indefinidas.

Pareciam ser imagens de clarividência viajora, possível de ser obtida em situação experimental (TARG & PUTHOFF, 1975), mas com a diferença de estarem *projetadas no ambiente*, suspensas, semelhantes a hologramas. Pensei imediatamente no modo como o esforço para sintonizar a imagem do disco lilás teria propiciado encontrar a sintonia para todas aquelas imagens mantidas simultaneamente. Não tinha conhecimento de imagens de clarividência viajora *projetadas no ambiente*. Em minha experiência, o fenômeno ocorria apenas em tela mental, interna. Procurando me concentrar nas outras imagens, o disco esmaecia. Tentando novamente, percebi um vulto de pessoa grande, sem forma definida, também na cor lilás, movimentar-se lentamente da posição do disco até o meu lado direito e desaparecer em seguida. Foi possível sintonizar novamente o disco, mas as outras imagens não. Com olhos abertos, sentia sono e descoincidência espontânea. Os olhos pesavam. Relaxando e fechando os olhos, a lucidez aumentava muito – estava descoincidindo. Abrindo os olhos, a lucidez diminuía.

Nos últimos momentos do experimento aproveitei para exercitar e verificar as sensações da transição das operações mentais entre o cérebro e o paracérebro, experimentando as variações de lucidez em função das variações de descoincidência. Cuidei para não dormir e não quis voltar a fechar os olhos. Refleti sobre a importância e a possibilidade de investir mais na investigação das interações paravisuais nos campos de energia. O recurso de testar diferentes sintonias parecia promissor e eu já pensava na expectativa de tentar repetir os procedimentos para pesquisar a natureza da *bóia extrafísica*. Mais tarde, após outros experimentos, repetindo a visualização do disco lilás, desenvolvi a hipótese do efeito *bóia* corresponder à visualização da projeção das energias do meu próprio frontochacra, provavelmente propiciada, no início, por consciex amparadora. Foi interessante pensar na possibilidade de melhorar o hábito de ajustar frequências parapsíquicas para manter parapercepções no cotidiano intrafísico.

3. TÉCNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PARAPERCEPÇÃO VISUAL: EXERCÍCIO DE CLARIVIDÊNCIA DURANTE EXPERIMENTO DE IFV

Para inserir o objetivo adicional da clarividência no experimento de IFV, os procedimentos necessitam preservar a proposta inicial sem alterar o protocolo básico: 3 horas de duração, corpo acomodado imóvel na poltrona, olhos abertos sem piscar, baixa luminosidade e mínima estimulação ambiental. Executando

o protocolo básico do experimento com atitude lúcida e receptiva a novas vivências, é importante aprender a trabalhar com a realidade dos dados encontrados, evitando a ilusão de artificializar resultados. Por se tratar de exercício de percepção, o foco é a melhoria do funcionamento do perceptor. Ao contrário, *é engano pensar ser possível criar perceptos e ver o desejado*. A imagem vista representa o objeto da realidade, e o papel do perceptor é perceber a realidade como ela é. Imaginar ou antecipar o desejo de ver algo cria ansiedade e, em geral, interfere, altera ou inibe a percepção. O experimento consiste, então, em exercitar a predisposição perceptiva com o manejo das energias e do campo, sem criar conteúdos imaginativos.

Em 3 horas há tempo para muitas verificações. Eis 13 exercícios para a clarividência anímica em experimentos de IFV: 1. Relaxamento holossomático. 2. Treino de observação. 3. Não produzir imagens de conteúdo imaginativo. 4. Atenção à parafisiologia do mentalsoma (paracognição). 5. Auto-sensoriamento energético. 6. Sensoriamento do frontochakra. 7. Promoção e soltura ou controle do grau de descoincidência geral. 8. Promoção e soltura ou controle do grau de descoincidência específicas na cabeça (córtex pré-frontal, região occipital e outros). 9. Sensoriamento do campo energético. 10. Exteriorizações de energias para manejo, modulações e busca de diferentes sintonias no campo. 11. Vivência do aumento do percentual de utilização consciente do paracérebro – transferência das operações do cérebro para o paracérebro. 12. Estudo aprofundado quanto à significação, quantidade e qualidade da relação entre autopensenes e parapercepções obtidas. 13. Gradação da visão da dimener por meio da modulação de exteriorizações precisas.

O aspecto principal a ser ressaltado para os exercícios de clarividência durante experimentos de IFV é a possibilidade de desenvolver acuidade sobre a parafisiologia e sobre os detalhes das imagens paravisuais. Sugere-se a predisposição para averiguar a parafenomenologia visual. Trata-se de situação especial capaz de permitir máxima atenção às ocorrências. *A vivência de pequenas experiências pode alcançar grandes intensidades*. A recomendação básica volta-se para a amplificação da autoconscientização paracognitiva e paraperceptiva. O experimentador pode dar prioridade máxima para aproveitar a oportunidade de conhecer os detalhes do funcionamento do mentalsoma e do holossoma durante o fenômeno da clarividência. Não se trata de esperar grandes facilitações para o desempenho na clarividência. Pelo contrário, há até certa dificuldade, pois o experimentador estará só, contando apenas com as próprias energias, sua predisposição e conhecimento técnico.

4. TÉCNICA ESPECÍFICA DE AJUSTAMENTO PARAFISIOLOGICO DA SINTONIA VISUAL: PRODUÇÃO DO EFEITO DA BÓIA EXTRAFÍSICA SINALIZADORA

A técnica consiste em modular exteriorizações de energias para obter ajuste na visão da dimener até alcançar a sincronia com a visão simultânea das energias projetadas pelo frontochakra. A modulação da visão da dimener é ajustada por meio de tentativas e testes do controle fino da intensidade, da densidade, da região fonte de exteriorização e dos chacras predominantes, entre outros atributos e variáveis energéticas. É fundamental a experiência de descobrir a possibilidade do controle anímico do ajuste da visão da dimener. O resultado é o aumento da autoconfiança para iniciar e manter experimentos de clarividência. A meta inicial é ajustar os padrões energéticos do campo e das energias projetadas pelo frontochakra. A meta principal é ver as energias do próprio frontochakra, *projetadas bem adiante no ambiente externo*, em torno de 1 metro à frente dos olhos. Alcançada a meta principal, é necessário estabilizar o padrão para iniciar os efeitos paralelos da clarividência viajora simultânea com a *clarividência ambiental*.

Inicia-se com 3 manobras básicas e simultâneas: relaxamento holossomático e afrouxamento do energossoma para propiciar lento e gradual aumento da descoincidência geral; exteriorizações suaves das

energias, praticamente como liberação espontânea, simplesmente expandindo e irradiando as energias de modo gradual para o ambiente; atenção sobre projeções naturais das energias do frontochacra, podendo variar entre a intenção e a espontaneidade nas exteriorizações pela frente da cabeça.

A próxima etapa consiste na série de tentativas para ajustar a sintonia entre as energias do campo e as energias projetadas pelo frontochacra. Algumas liberações energéticas podem ser testadas pela frente, mas as descoincidências internas, na região do córtex pré-frontal, e mesmo de outras partes internas da cabeça, parecem surtir efeito de modo mais eficiente para sintonizar a visualização das energias projetadas. *A vivência da descoincidência da cabeça, relaxando áreas do cérebro responsáveis pela visão, constitui o ponto chave.* O processo deve ser buscado sem ativações físicas na cabeça. Para tanto, é necessária alguma experiência e exercícios anteriores, pois se trata de ativar o paracérebro sem estimulações adicionais ao cérebro físico.

O prosseguimento da técnica necessita de atenção a possíveis configurações de visualização de energias no *campo ambiental* adiante dos olhos. A ocorrência de distorções e colorações pode ser sinal a ser rastreado em busca da sintonia objetivada. O rastreamento da sintonia pode ser feito utilizando-se os referidos sinais ao modo de *feedback*. O experimentador segue o caminho dos procedimentos de busca capazes de propiciar aumento e melhoria das visualizações. O procedimento de busca pela sintonia consiste em variar o manejo simultâneo de duas manobras básicas: a primeira consiste no aprofundamento da descoincidência nas regiões específicas da cabeça, exercitando a região pré-frontal e a occipital prioritariamente, por serem atuantes, respectivamente, na paravisão e na visão intrafísica; a segunda consiste nas liberações de energia consciencial exteriorizada suavemente para o ambiente, prioritariamente pelo frontochacra. A execução dos procedimentos técnicos *não necessita produção imaginativa*, nem ativação somática; portanto, *não prejudicam a percepção*.

A técnica permite a visualização estável do *efeito sinalizador da projeção das energias do próprio frontochacra*, simultaneamente às cenas intrafísicas e extrafísicas. O nome *bóia extrafísica* foi atribuído em função da utilidade do efeito para sinalizar o ajuste da sintonia energética do campo paravisual, possível de ser promovido pelo próprio experimentador. O objetivo mais relevante da técnica parece ser a detecção dos ajustes necessários na descoincidência e nas exteriorizações de energias para obter sintonia paravisual e estabilizar determinada faixa de percepção simultânea para diferentes modalidades de clarividência, basicamente entre a clarividência viajora e a *clarividência ambiental*.

CONCLUSÃO

A dedicação para o refinamento do manejo das projeções energéticas do frontochacra parece ter sido o elemento chave na produção do efeito paravisual de sintonia entre a visão das energias projetadas e as demais imagens componentes da cena viajora *projetada no ambiente*. Pode ser levantada a hipótese de ectoplasmia no auxílio da composição e da sustentação das *imagens ambientais*, tendo em vista as possibilidades interativas descritas historicamente na literatura parapsíquica e mediúnica, entre o ectoplasma de um sensitivo com os *efeitos morfopensênicos gerados no ambiente* para materializar imagens de energias e consciências extrafísicas. Descoincidências específicas de regiões da cabeça também parecem ter função determinante para permitir a visualização do chamado *efeito da bóia extrafísica*. O conjunto das manobras para a obtenção de tal efeito parece também indicar a possibilidade de serem constituídos procedimentos parafisiológicos de sintonização de freqüências energéticas estabilizadoras da *clarividência ambiental* e viajora.

O procedimento básico da técnica é visualizar as energias do próprio frontochakra, projetadas bem adiante dos olhos, para viabilizar a sincronização de frequências visuais e propiciar o surgimento das imagens de clarividência. Enfim, busca-se a melhoria da clareza das parapercepções na vida interdimensional com o uso de procedimentos técnicos detalhados e disponibilizados para fins assistenciais e auto-evolutivos.

REFERÊNCIAS

01. **Blackmore**, Susan Jane; *Tunnel Vision and Tunnel Experiences*; *Journal of Near-Death Studies*; Quarterly; Vol. 17; N. 4; Seção: *Letters to the Editor*; New York, NY; Summer, 1999; p. 271-272.
02. **Carvalho**, Helena Maurício Craveiro; *Casos de Clarividência: Fenômenos vividos pela Autora*; rev. Elisa Neves Corte; 160 p.; 19 caps.; 40 refs.; br.; 2ª Ed.; *Lúmen*; São Paulo, SP; 1997.
03. **Ffytche**, D. H.; et al.; *The Anatomy of Conscious Vision: an fMRI Study of Visual Hallucinations*; *Nature Neuroscience*; Revista; Vol. 1; N. 8; New York, NY; September, 1998; p. 738-742.
04. **Geley**, Gustave; *L'Ectoplasmie et la Clairvoyance: Observations et Expériences Personnelles*; IV + 446 p.; enc.; *Librairie Félix Alcan*; Paris; 1924; p. 189 e 190.
05. **Haines**, Brian W.; *Tunnel Vision*; *Psi Researcher*; Quarterly; Magazine; N. 8; Section: *Debate*; London; Winter, 1993; p. 26 e 27.
06. **Leadbeater**, Charles Webster; *A Clarividência*; trad. Fernando Pessoa; 90 p.; 9 caps.; 19 x 13 cm; br.; *Editora Pensamento*; São Paulo; 1990.
07. **Schiffman**, Harvey Richard; *Sensation and Perception: An Integrated Approach*; 4ª Ed.; *John Wiley & Sons*; New York; 1996.
08. **Targ**, Russell; & **Puthoff**, Harold E.; *Remote Viewing of Natural Targets*; *Parapsychology Review*; Bimonthly; Vol. 6; N. 1; New York, NY; January-February, 1975; p. 1-3.
09. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 5.116 refs.; alf.; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1994; p.162, 206, 211, 213, 327, 334, 352, 353, 358, 365, 473, 623, 631, 673 e 743.
10. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.232 p.; 525 caps.; 1907 refs.; alf.; enc.; 4ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1999; p. 122, 133, 156, 166-174, 199, 237-343 e 584-594.
11. **Idem**; *Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico*; 224 p.; alf.; br.; 5ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1999; p. 43, 46, 50, 80, 133 e 153.

